

O adolescente e seus enlaces: considerações sobre o tempo

Susane Vasconcelos Zanotti

O tema desse trabalho nos convoca a percorrer inicialmente algumas formulações de Freud, Lacan e J.-A. Miller sobre o que hoje consideramos a adolescência, visando pensar a especificidade do tempo em cada caso. Cabe lembrar de início que Freud, nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade"¹, destaca o surgimento de um real na puberdade. Lacan evoca que aí se dá o encontro com o real do sexo, ou seja, o que ele descreverá posteriormente como a impossibilidade da relação sexual². J.-A. Miller, em seu texto recente "Em direção à adolescência"³, a circunscreve a partir de três aspectos: a saída da infância, a diferença dos sexos e a imiscuição do adulto na criança.

Daí a proposta de Stevens⁴ de pensar a adolescência como sintoma da puberdade, um momento de respostas possíveis ao impossível da relação sexual. E porque se busca, neste trabalho, destacar acerca do adolescente e seus enlaces, justamente a especificidade do tempo em alguns casos, vale destacar o esclarecimento de Lacadée: "a adolescência é, antes de tudo, um significante do Outro, que, desde o final do século XIX, serve para designar esse momento particular da vida, que resulta de um tempo lógico próprio a cada um"⁵.

Sobre a questão do tempo, lembro que J.-A. Miller⁶ chama a atenção para o modo como Freud sempre considerou a *variação psicológica* do sentimento do tempo: a rapidez subjetiva da experiência ou mesmo a sua lentidão, o tempo da espera, do tédio, a qualidade temporal das diferentes modalidades da experiência humana⁷. Na mesma direção, ele

ressalta a importância de nos ocuparmos do tempo, em função das afinidades do inconsciente e da negação do tempo, da atemporalidade⁸.

Guéguen⁹, dedicando-se ao tempo em Freud e em Lacan, em sua contribuição no Curso de Orientação Lacaniana de Miller *Os usos do lapso*¹⁰, destaca que Freud e Lacan não se opõem em relação a este aspecto. Guéguen¹¹ percorre diferentes momentos do pensamento freudiano, demonstrando, texto a texto, que a posição de Freud não se modifica em toda sua obra: o inconsciente não conhece o tempo. Lacan vai além da concepção freudiana e funda sua própria concepção de tempo.

Como lembra Miller¹² com base em "O tempo Lógico e a asserção da certeza antecipada"¹³, o instante de ver é propriamente um não tempo, um instante sem duração, impessoal, não subjetivo. A diferença entre o instante de ver e o tempo de compreender é que no segundo se trata justamente de uma duração, de um tempo que transcorre. Trata-se de um tempo de elaboração, de espera. Ou seja, é um tempo subjetivo, histórico, diacrônico, em que os acontecimentos contam, e que dá lugar a um antes e um depois. Já o momento de concluir é um tempo que se caracteriza pela precipitação da ação.

Tempo de despertar

Freud, em "Três ensaios sobre a sexualidade", especificamente no terceiro ensaio intitulado 'A metamorfose da puberdade', descreve as transformações operadas no corpo da criança durante a puberdade, acentuando suas consequências na vida erótica do sujeito. No momento da puberdade, as exigências pulsionais aparecem para o sujeito, pela primeira vez, como capazes de realização. Tais exigências repercutem nos diferentes âmbitos de sua vida. Considera-se aqui a puberdade como o momento de despertar para o mal-estar, presente em todo e

qualquer sujeito¹⁴. Mal-estar relacionado ao despertar para o desejo, à delicada relação do sujeito com o corpo próprio, ao traumático encontro com o outro e à difícil separação da autoridade dos pais¹⁵. Freud sublinha que as metamorfoses da puberdade implicam a perda do corpo infantil, exigindo a reconstrução de uma imagem corporal.

O trabalho em um projeto social com adolescentes forneceu alguns elementos para pensarmos a relação desses jovens com seu corpo¹⁶. Observamos a tentativa de identificação do jovem com o próprio corpo, a ponto de fazerem equivaler ser e corpo. Nesses casos, consideramos que a resposta ao *novo* que surge na puberdade é dada na vertente do imaginário. Ou seja, haveria de modo geral uma predominância do imaginário e uma dificuldade de simbolização. Assim, as metamorfoses da puberdade, ao mesmo tempo em que colocam em primeiro plano o registro imaginário, abalam as amarrações com o simbólico¹⁷.

Na puberdade, as fantasias estão predominantemente relacionadas ao desejo sexual e ao encontro com o sexo¹⁸. O encontro com o sexual, que acontece de forma singular na história de cada um, caracteriza o despertar para o mal-estar. Nesse sentido, trata-se sempre de um mal encontro¹⁹. É a propósito desse encontro que Lacan descreve a relação sexual como impossível²⁰ e testemunha o desencontro, o desamparo fundamental e a não-completude, inerente a todos os sujeitos. Encontro com o real do sexo que segundo Lacan, no "Prefácio ao *Despertar da primavera*"²¹, faz furo (*trou*) no real. É aí onde Lacan localiza o trauma, *troumatisme*, indicando o hiato para sempre aberto onde deveria se escrever a relação que não há. Por fim, o sintoma, como solução frente ao *troumatisme*²².

O tempo lógico de um encontro

Freud acentua que na puberdade, o sujeito se depara com a passagem do autoerotismo à escolha de objeto²³. No

caminho do encontro com o outro, com o sexual, o sujeito não conta com um saber no real, aspecto retratado nos jogos de amor encenados no filme "A esquiwa"²⁴.

Krimo sofre por não saber o que dizer ou fazer diante do seu desejo por Lydia, e procura uma saída para falar do que sofre. Compra de um amigo o papel principal da peça, para encenar o jogo do amor e da sorte. Mas, ao contrário de Lydia, que parece dominar as palavras ao encenar a peça, Krimo tem dificuldade com as palavras no palco, a mesma dificuldade que ele tem na vida. A respeito do tempo gramatical da transição, Lacadée ressaltava justamente isso: "o discurso, importante para aparelhar o gozo numa cadeia significante que o articulava ao laço social, não ajuda em nada esses adolescentes"²⁵.

Após rodear por muito tempo a jovem por quem está apaixonado, ele se declara com esta pergunta: "você quer sair comigo?", à qual ela responde: "vou pensar!". Destaco as respostas de ambos: a espera de Krimo, silenciosa e sem fim, por uma resposta, e a esquiwa de Lydia. Aqui vale destacar, retomando Lacadée, as dimensões do despertar e do exílio, especialmente no que se refere a "certa precariedade simbólica e até mesmo uma rejeição"²⁶.

Cottet²⁷ considera também que o referido filme cristaliza grande parte das questões atuais sobre a adolescência. Na mesma direção, Jean-Marie Forget²⁸ toma a esquiwa apresentada no filme como protótipo da posição feminina, e propõe, para nomeá-la, o sintagma "clínica da esquiwa". Por um lado, o acesso precoce aos atributos aparentes da feminilidade, assim como às relações sexuais; por outro, a articulação do exercício da feminilidade à palavra falha, crua. Esse é o ponto de partida de sua argumentação, que contempla a falta de referências simbólicas que acarreta, muitas vezes, uma redução à produção de imagem. Nesse contexto, sublinho a observação de Lacadée sobre as palavras e as ações dos adolescentes:

"[...]a colocação em jogo de seus próprios corpos depende da maneira como a linguagem lhes servem, ou não, para se defenderem do real"²⁹.

Tempo do agir

A tendência a agir atribuída ao adolescente está intimamente ligada aos dois tempos mencionados acima. Essa tendência existe, como acentua Stevens³⁰, porque a adolescência é um dos momentos em que reaparece, para o sujeito, mais do que nunca, a não relação sexual. Diante da falta de saber sobre a relação sexual, resta a cada um inventar sua própria resposta³¹, como ilustramos anteriormente ao situar o 'tempo lógico de um encontro'.

A tendência a agir se relaciona à dificuldade de simbolização que acompanha o momento da puberdade. Dificuldade associada à angústia, onde a ação rouba a cena no lugar da palavra. Como diz Lacadée, nesse momento "o significante se desencadeia sozinho, perturbando até mesmo o corpo e o laço com o Outro. Surge então uma necessidade de agir que implica o desprezo de todo obstáculo ou perigo"³². Trata-se assim de uma passagem direta do instante de ver ao momento de concluir, que implica a supressão do tempo de compreender.

Podemos ilustrar a tendência de agir com os casos clássicos de Freud: a tentativa de suicídio da jovem homossexual³³ que se atira da ponte ao se deparar com o olhar enfurecido do pai, ao descobrir que ela continuava a se encontrar com a dama e demonstrando que as fortes medidas disciplinares impostas por seus pais não conseguiram impedir seu comportamento *inadequado*. No caso Dora³⁴, sua bofetada no rosto do Sr. K foi uma reação ao que ele lhe dissera sobre sua mulher: "ela não é nada para mim", que atingiu Dora no âmago de sua problemática de identificação feminina.

Lacan³⁵ se vale da travessia do rio Rubicão para demonstrar o que é um ato e diferenciá-lo da ação. No primeiro, como nos ensina Lacan, há uma transgressão da lei e a consequente fundação de algo novo, que define um antes e um depois. Para identificar tais princípios, é necessário percorrer o caminho da contextualização, da história, ou seja, os aspectos envolvidos no antes e no depois.

Assim, a chegada do adolescente à clínica psicanalítica remete, de forma recorrente, a esse tempo de agir e à afirmação de Fausto: "No começo foi a ação". De modo geral, o adolescente é encaminhado para atendimento em função de uma ação que ele praticou, por solicitação dos pais ou familiares, da escola, do médico, e mesmo do conselho tutelar.

Tempo da análise

Freud³⁶ acreditava que a psicanálise poderia ser eficaz quando alguém, em função do seu sofrimento, formula sua queixa e pede auxílio ao analista. Ele enfatiza ainda: "não é indiferente que alguém venha à psicanálise por sua própria vontade, ou seja, levado a ela, quando é ele próprio que deseja mudar ou apenas seus parentes"³⁷. Na clínica com adolescente, quando o tratamento é solicitado pelo Outro social, a situação se complica, uma vez que nitidamente o sofrimento do sujeito não é o motor da demanda. Mas sabemos que nossa época, descrita por J.-A. Miller como a era do Outro que não existe³⁸ é marcada justamente pelo declínio da função paterna e pela ascensão ao zênite do objeto a.

Assim, em cada caso, é importante sublinhar em que circunstâncias um jovem chega a um tratamento, uma vez que algumas situações acrescentam dificuldades ao trabalho analítico. Freud acentuou essa dificuldade em relação à jovem homossexual, ou seja, "o fato de a jovem não estar de modo algum doente (não sofria em si de nada, nem se

queixava de seu estado)”³⁹ era um aspecto desfavorável para o tratamento.

Atualmente, o adolescente na maioria das vezes, não vem em busca de um saber sobre seu sofrimento. No caso de Dora há queixa: ela se queixa do pai e relata a Freud a sua versão dos fatos que incomodavam seu pai, diferente da versão deste, mas não se implica neles. A primeira manobra clínica de Freud foi perguntar, exatamente, o que ela tinha a ver com tudo aquilo do qual se queixava, tentando assim implicá-la em sua própria fala. A esse respeito, Lacan⁴⁰ comenta que Freud expõe com muita pertinência as dificuldades que podem se apresentar na clínica, quando as exigências do meio familiar se fazem presente. Ressalta ainda a observação de Freud, que não se faz uma análise por encomenda.

Ao lado dessas dificuldades assinaladas por Freud e Lacan, é preciso circunscrever as mutações da ordem simbólica, para as quais Miller⁴¹ chama nossa atenção desde 2015. Mutações que nos servem de orientação em relação às reflexões sobre a clínica com o adolescente. São elas: o declínio do patriarcado, a destituição da tradição, o deficit do respeito em relação às figuras de autoridade, a crença face à ciência ou uma outra tradição como a do islã.

Para concluir, consideramos que o discurso analítico pode incidir sobre o tempo do mal-estar, o tempo de um encontro, e propiciar um apaziguamento da ação por parte do adolescente. No entanto, a respeito do tempo, tanto Freud quanto Lacan se aventuraram mais além dos limites terapêuticos⁴². Como destaca Guéguen⁴³, no momento em que aquele que sofre acredita, de início, poder curar o problema do qual vem se queixar ao analista, a análise o relança mais além, levantando a questão acerca de seu ser de gozo. Abre-se então, com o início da análise, um *tempo de compreender*, e a formação de um sintoma ali onde parece

ser difícil ou impossível, em função do gozo no qual a palavra está curto-circuitada, pelo *tempo de agir*.

¹ FREUD, S. (1996[1905]). "Três EnsaioS Sobre a Teoria da Sexualidade". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 128-229.

² COTTET, S. (1996). "Estrutura e romance familiar na adolescência". In: *Adolescência: o despertar*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, p. 7-20.

³ MILLER, J.-A. (2015). "Em direção à adolescência". Disponível em: <<http://www.encontrobrasileiro2016.org/#!blank/g0v91>>.

⁴ STEVENS, A. (1998). "Adolescence, symptôme de la puberté". In: *Les FeuilletS du Courtil*, nº 15. Bélgica: ECF, p. 79-82.

⁵ LACADÉE, P. (2012). "A clínica da língua e do ato nos adolescentes". In: *Responsabilidades*, vol. 1, nº 2. Belo Horizonte, p. 253.

⁶ MILLER, J.-A. (2010). *Los usos del lapso*. Buenos Aires: Paidós.

⁷ IDEM. Ibid., p. 266.

⁸ IDEM. Ibidem.

⁹ GUÉGUEN, P. G. (2010). "El tiempo de Freud y el de Lacan". In: *Los usos del lapso*. Buenos Aires: Paidós, p. 253-265.

¹⁰ MILLER, J.-A. (2010). *Los usos del lapso*. Op. cit.

¹¹ GUÉGUEN, P. G. (2010). "El tiempo de Freud e el de Lacan". In: *Los usos del lapso*. Op. cit.

¹² MILLER, J.-A. (2010). *Los usos del lapso*. Op. cit.

¹³ LACAN, J. (1998[1945]). "O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 197-228.

¹⁴ ZANOTTI, S. V. & BESSET, V. L. (2007). "Puberdade: o despertar para o mal-estar". In: *Cartas de Psicanálise*, vol. 2. Vale do Aço, p. 50-55.

¹⁵ ZANOTTI, S. V. (2008). "A pesquisa-intervenção em um ambulatório de adolescentes - de que mal-estar se trata?". In: *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: TRAREPA/FAPERJ, p. 147-170.

¹⁶ ZANOTTI, S. V. & BESSET, V. L. (2009). "O corpo e o eu: o que dizem os jovens?". In: *Infância e juventude na contemporaneidade: ouvindo os protagonistas*. Maceió: EDUFAL, p. 81-98.

¹⁷ IDEM. Ibidem.

¹⁸ FREUD, S. (2000[1927-1928]). "Dostoiévski e o parricídio". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Op. cit., p. 182.

¹⁹ LACAN, J. (1996[1964]). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 224.

²⁰ COTTET, S. (1996). "Estrutura e romance familiar na adolescência". In: *Adolescência: o despertar*. Op. cit, p. 10.

²¹ LACAN, J. (2003[1974]). "O despertar da primavera". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 557-559.

²² ZANOTTI, S. V. & BESSET, V. L. (2007). "Puberdade: o despertar para o mal-estar". In: *Cartas de Psicanálise*, vol. 2. Op. cit.

-
- ²³ FREUD, S. (1996[1905]). "Três Ensaaios Sobre a Teoria da Sexualidade". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Op. cit.
- ²⁴ Filme de Abdellatif Kechiche, lançado em 2004 na França. Ver também: ZANOTTI, S. V. (2008). "A pesquisa-intervenção em um ambulatório de adolescentes - de que mal-estar se trata?". In: *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Op. cit.
- ²⁵ LACADÉE, P. (2011). "O tempo gramatical da transição". In: *O despertar e o exílio - ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, p. 69.
- ²⁶ IDEM. (2012). "A clínica da língua e do ato nos adolescentes". In: *Responsabilidades*, vol. 1, nº 2. Op. cit., p. 258.
- ²⁷ COTTET, S. (2006). "Le sexe faible des ado: sexe-machine et mythologie du coeur". In: *Revue La Cause Freudienne*. Paris: Navarin Editeur.
- ²⁸ FORGET, J. M. "Une clinique de l'ésquive". Disponível em: <<http://ecoledevilleevrard.free.fr/interventions/forget040205.htm>>.
- ²⁹ LACADÉE, P. (2011). "O tempo gramatical da transição". In: *O despertar e o exílio - ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Op. cit., p. 70.
- ³⁰ STEVENS, A. (1998). "Adolescence, symptôme de la puberté". In: *Les Feuilletts du Courtil*, nº 15. Op. cit.
- ³¹ LACADÉE, P. (2001). "L'adolescence: une délicate transition. L'espoir dans l'élément de nouveauté de chaque génération". In: *Mental*. Paris: Association Mondiale de Psychanalyse, p. 97.
- ³² IDEM. (2011). "O tempo gramatical da transição". In: *O despertar e o exílio - ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Op. cit., p. 69.
- ³³ FREUD, S. (2001[1920]). "Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina". In: *Obras Completas*, vol. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu, p. 137-164.
- ³⁴ FREUD, S. (2003[1901]). "Fragmento de análisis de un caso de histeria (Dora)". In: *Obras Completas*, vol. VII. Buenos Aires: Amorrortu, p. 1-108.
- ³⁵ LACAN, J. (1986[1967-1968]). *El seminario, libro 15: el acto psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós. CD-ROM.
- ³⁶ FREUD, S. (2001[1920]). "Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina". In: *Obras Completas*, vol. XVIII. Op. cit. p. 143.
- ³⁷ IDEM. Ibid., p. 144.
- ³⁸ LAURENT, E. & MILLER, J.-A. (1998). "O Outro que não existe e seus comitês de ética". In: *Curinga*, nº 12. Belo Horizonte: EBP, p. 4-18.
- ³⁹ FREUD, S. (2001[1920]). "Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina". In: *Obras Completas*, vol. XVIII. Op. cit., p. 144.
- ⁴⁰ LACAN, J. (1995[1956-1957]). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 103.
- ⁴¹ MILLER, J.-A. (2015). "Em direção à adolescência". Op. cit.
- ⁴² GUÉGUEN, P. G. (2010). "El tiempo de Freud e el de Lacan". In: *Los usos del lapso*. Op. cit.
- ⁴³ IDEM. Ibid., p. 255.